

Um saldo cínico

Never complain, never explain.
Disraeli, 1875

*Si arrastré por este mundo
la vergüenza de haber sido
y el dolor de ya no ser"*
Le Pera, 1934

Os animais não se preocupam com o sentido da vida, apenas vivem. Em todo caso, é o que acreditamos. São difíceis de interrogar. O problema ético não nos concerne por estarmos vivos, mas por poder pensá-lo. François Jacob, Ilya Prigoyine e Jacques Monod demonstraram que estamos por um triz e que não há progresso. Tudo que aconteceu, inclusive nós mesmos, foi por acaso.

Thornton Wilder narra a história do “Irmão Juniper”, testemunha da queda de uma ponte pênsil cheia de passantes no Perú. Dedicou a vida a tentar captar nas biografias dos mortos o desígnio divino que os perdera, enquanto ele, pecador, que optara por atravessar o rio pela beirada, fora poupado. Perguntar pela Graça já é uma resposta, porque significa que há uma razão. Pitágoras inventou a filosofia para conhecê-la. Tinha vontade de compreender e explicar tudo. Da nossa parte, vivemos, ao menos desde Leibniz, governados pelo princípio de razão suficiente, que diz nada ser por acaso e tudo dever-se a uma causa.

Tudo menos o sujeito, que é contingente, e por isso se espanta. Acaba neurótico pela teimosia em acreditar que há razão para tudo, menos para ele. O sentido inconsciente prometido pela regra fundamental não deixa de ser o sonho de um retorno desde a sua insensatez ao princípio de razão suficiente. Um bom

motivo para amar o psicanalista que a pronuncia. A invenção da neurose é a mais popular das versões modernas da procura pela justificação da existência.

Embora solidária do discurso médico, a neurose é uma paixão, no sentido cristão do termo; um apelo justificatório dirigido ao Outro —invocado mediante todas as figuras do perdão. Desde um banal “estou atrasado”, até um refinado “perdoa-me por me traíres”, passando pelo impagável, e muito brasileiro, “desculpa qualquer coisa”.

O sofrimento pede uma testemunha. Fazer-se ouvir —no caso do Redentor, pelo pai: *Eli, Eli, lamma sabachthani?*, “Senhor, Senhor, por que me abandonaste?”. E sob o “perdoa-os, não sabem o que fazem”, se deixa ler a reivindicação para que a justiça seja feita (com quem, eis a questão). Como já suspeitava Borges, a relação entre a traição e o desígnio divino é menos simples do que se acredita. A afinidade desta posição com a histeria já fora notada. Exibição de uma miséria que precisa de espectadores; de um sofrimento em que o desejo se engaja.

Ao *Libertador* —o general don José de San Martín— atribui-se uma máxima pedagógica que reza: “serás o que devas ser, ou então não serás nada”. Só um militar e um herói poderia doar à História injunção tão sinistra. Segundo os manuais escolares, o pro-hómem falava enquanto pai à filha Merceditas. O neurótico, especialmente o obsessivo, mas não apenas ele, está convicto de não ser nada por nunca ter conseguido ser o que devia.

Se enxugarmos as lamúrias de todos os consultórios ao seu comum denominador diremos que o neurótico sofre porque ainda não é; porque sempre não é, ou não é suficientemente; porque já era; porque foi e quer ser novamente; enfim, porque o ser lhe falta. A falta (*faute*) é outro nome da falta (*manque*). O

obsessivo cuida de se manter culpado, em falta. Ou então, quem manca é o Outro, e estamos na histeria.

[...] para que se veja reconhecida a falha-em-ser do sujeito como o cerne da experiência analítica, como o campo mesmo em que se exhibe a paixão do neurótico. Isto é de Lacan.

Buscamos a razão para a falha inexplicável na ordem das coisas, que somos, e que nos revela sem propósito. O monstro romântico de Mary Shelley é um paradigma de queixa neurótica, com seu apelo ao criador que será, claro, devidamente destruído (*Blade Runner* retoma o mote em versão *kitsch*).

A sem-razão está na entrada de qualquer consulta ao analista: deixei minha família por aquela ordinária; sacrifiquei minha poupança em vão; padeço por nada. Se tudo correr bem, descobrirá que sua vida é um acidente (mesmo e sobretudo tendo sido uma criança bem planejada pelos pais). Estar aqui porque sim, é nisso que consiste a falha no ser do sujeito, ela própria injustificável.

A única e inalienável particularidade que possui é sua pena. Mais nada. Sua esquisitice é sua diferença específica e seu único patrimônio. O modo como falha em ser é tudo que tem para justificar uma existência, de qualquer ponto de vista, insensata. Talvez a melhor definição para a famosa “assunção da castração” seja esta: abrir mão do defeito como brasão, suportar-se injustificável.

Acaso quando falamos de cura por acréscimo estamos desprezando o sofrimento humano? [...] Já temos ao alcance da mão o que é preciso tomar para dormir. Quem sabe dentro em breve saberemos agir diretamente sobre os centros bioquímicos da dor. E talvez se encontre a molécula da esquizofrenia. O nirvana se aproxima a grandes passadas. Supor que isso tudo será possível a curto prazo me parece muito mais interessante que dizer: não, jamais! Entretanto, uma vez que se encontrem os centros da dor e se saiba operar diretamente sobre eles, a vontade de justificação não desaparecerá. Antes pelo contrário, para o neurótico justificar-se por não sofrer é ainda mais difícil. Ao invés do que se supõe, nada disso anuncia o desaparecimento da psicanálise, dado que a verdadeira questão é se se pode curar ou não a justificação. Isto é de Miller.

“Curar a justificação”, é uma boa perspectiva do fim da psicanálise.

Refugiar-se no determinismo inconsciente pode ser o último alibi para não ter que responder pela esquisitice e encontrar uma razão de ser. Nenhum determinismo fará de mim um inocente. Eis o terrorismo psicanalítico: engajar-nos no determinismo inconsciente. A neurose foi uma escolha ética que não se sabia a si mesma.

Um paciente deve abandonar seu analista convicto disto.